



INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES

JULMIRA MENDES

**MANIFESTAÇÃO DAS IDENTIDADES CULTURAIS DA ETNIA MANDJACO DE
PECIXE NO RITUAL DE KATCHIT**

Acarape – CE

2022

JULMIRA MENDES

MANIFESTAÇÃO DAS IDENTIDADES CULTURAIS DA ETNIA MANDJACO DE
PECIXE NO RITUAL DE KATCHIT.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades – IH da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Dr. Luís Tomás Domingos.

Acarape - CE

2022

JULMIRA MENDES

**MANIFESTAÇÃO DAS IDENTIDADES CULTURAIS DA ETNIA MANDJACO DE
PECIXE NO RITUAL DE KATCHIT.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades – IH da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: ____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. LUÍS TOMAS DOMINGOS (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. RICARDINO JACIENTO DUMAS TEIXEIRA (Membro da banca)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. CARLOS SUBUHANA(Membro da banca)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

DEDICATÓRIA

Aos meus pais: Domingas Djú e Duarte Mendes!

Aos meus irmãos: Jorgito da Cruz, Gabriel Mendes, Abel Mendes, Niza da Silva, William Barros e Wilson Barros!

Aos meus primos: Nildo da Silva e Domingos Lopes Dias!

Às minhas primas: Suraia Jorge da Silva, Janira Jorge da Silva e Maimuna Jorge da Silva!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e saúde! Agradeço aos meus pais pelo esforço que sempre fizeram e fazem para assegurar o meu estudo desde a infância ao nível superior. Os meus agradecimentos a todos professores e professoras da UNILAB pelo trabalho árduo que têm feito e que ainda fazem à comunidade académica em prol do desenvolvimento humano e de interação e integração dos povos da África e do Brasil. Da mesma forma, agradeço a todos os servidores públicos, técnicos e terceirizados da UNILAB por seu trabalho incansável sem o qual não seria possível alcançar esta fase. Agradeço imensamente a todos os colegas estudantes que duma ou doutra maneira partilhamos sentimentos, conhecimentos, experiências e momentos na sala de aula, nos eventos académicos e demais espaços sociais. Por fim, e não menos importante, agradeço ao professor Dr. Luis Tomás Domingos pelo acolhimento como orientador do meu trabalho de conclusão de curso, por outro lado, agradeço-lhe pela aprendizagem que me proporcionou ao longo deste tempo de orientação e na sala de aula enquanto professor. A todos e todas, endereço a minha gratidão!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as identidades culturais do grupo étnico mandjaco de Pecixe, através do ritual Katchit na contemporaneidade. Os manjacos fazem parte do mosaico étnico da Guiné-Bissau e se encontram no Norte daquele país, região de Cacheu. A composição social da etnia mandjaco apresenta uma variedade visível em subgrupos que constituem o seu todo enquanto etnia. Os mandjacos de Pecixe é um subgrupo específico dessa etnia. A denominação da localidade funciona como adjetivo caracterizador de cada subgrupo. Assim, aqueles de Pecixe diferenciam-se daqueles de Caio e estes também diferenciam-se daqueles de Tam, Canhobe, Bugudjan, Djeta, Calequis, Pandim, Pelundo, Thulam, Basserar e assim por diante. Um dos rituais dos mandjacos de Pecixe é Katchit. Um ritual tradicional cujo início é imemorable naquela sociedade e realiza-se anualmente entre os meses de novembro, dezembro e janeiro para marcar, entre outros, a colheita e abertura de um novo ano agrícola. Para este estudo, adotamos a pesquisa de tipo bibliográfica, tendo como técnicas de coleta de dados, a realização das entrevistas e aplicação de questionários, sem dispensar a revisão da literatura. Os conceitos da cultura, identidade e etnia são os principais aportes teóricos mobilizados para estudar o objeto da pesquisa. O trabalho justifica-se pela necessidade de entendermos como as identidades são veiculadas na manifestação cultural dos mandjacos, especificamente, no ritual de Katchit. Por outro lado, considerando o vazio existente sobre estudos das identidades dos mandjacos de Pecixe e do ritual de Katchit, a contribuição desta pesquisa para o conhecimento e divulgação deste ritual e das identidades que se aglutinam nela torna-se irrefutável no campo acadêmico. Paralelamente a isso, os resultados que se espera dele são enormes, porque além de ajudar na valorização do ritual, permitirá aos sujeitos a ele relacionados partilharem os seus significados, valores e suas identidades. Ao mesmo tempo, ajudará na preservação do significado prático-cultural da existência dos madjacos, porque a cultura é a visão e o mundo dos seus sujeitos.

Palavras-Chave: Kachit. Madjacos de Pecixe. Identidades culturais. Guiné-Bissau.

SUMÁRIO

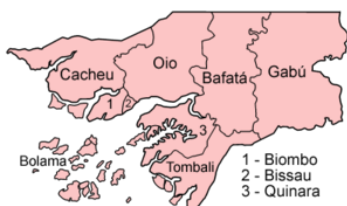
1. Introdução	8
2. Justificativa	14
3. Delimitação.....	16
4. Problemática.....	17
5. Hipóteses	19
6. Objetivos	19
6.1. Geral.....	19
6.2. Específicos.....	19
7. Referencial teórico	20
7.1.Cultura como categoria analítica e definidora de signos de sujeitos.....	25
7.2. Identidade na formação de significado.....	29
8. Metodologia	29
9. Cronograma	37
10. Referências bibliográficas	37
11. Anexos	40

1. INTRODUÇÃO

Pexice é uma ilha costeira que faz parte do arquipélago da Guiné-Bissau. Pertence também à região de Cacheu. Na Guiné-Bissau, 8,3% da população total fala a língua Mandjaco. Apesar de se distribuírem um pouco por todo o território nacional, devido aos processos de migração, trabalho, matrimônio, etc. Os mandjacos estão no Norte do país, nomeadamente, região de Cacheu e Setor Autônomo de Bissau.

A região de Cacheu é habitada por 185.053 habitantes dos quais 88.132 são do gênero masculino e 96.921 do gênero feminino. Neste quantitativo, a ilha de Pexice, sendo um setor inserido na Região de Cacheu, é habitada por 3.207 habitantes, dentre os quais 1.482 masculinos e 1.725 femininos. Portanto, admite-se que este número expressa, de algum modo, o quantitativo dos falantes dessa língua na Ilha de Pexice¹.

Mapa de Guiné-Bissau



Existem na ilha algumas infraestruturas escolares de ensino básico. Também há estrutura administrativa instituída desde a época colonial e que se mantêm com as autoridades pós-independência. No entanto, a sua funcionalidade é demarcada por escassez em vários domínios, desde logística até aos recursos humanos. As estruturas da saúde, tal como demais aparelho estatal guineense, não foram distribuídas por todas as partes do setor, ficando centralizado um posto de saúde na mediação de N'Jante (onde fica a administração local).

Além da autoridade administrativa que reporta diretamente ao governo central, existe o poder tradicional que embora não exercesse o poder político, no sentido marxista ou weberiano, e pode-se dizer que esse é a autoridade de extrema influência na comunidade.

A autoridade tradicional é geralmente representada por uma entidade tradicional e religiosa denominada, na Guiné-Bissau e por esta etnia, de régulo², que assume também o

¹ Dados do último recenseamento da população da Guiné-Bissau realizado em 2009. Disponível em: <https://dataspace.princeton.edu/bitstream/88435/dsp01w6634600z/11/DSPACEGuineaBissaucensus2008regiaoRGPH2009.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2022.

² Para mais informações a respeito dessa entidade e a organização política por ele administrada pode consultar o livro *O Mestiço e Poder* da autoria do professor Tchernó Djaló (2013).

papel de mediador de conflitos e gerência dos ritos comunitários organizados e efetuados pela comunidade de Pexice. Óbvio, o régulo também não deixa de ser, na cosmovisão tradicional, entre outras, o intermediador das relações da comunidade com os espíritos ou ancestrais sem desperceber a comunicabilidade com o ser supremo, Barci, (Deus). O régulo, como o responsável máximo do povo mandjaco, tem o poder e respeito dentro da comunidade, todo povo tem que obedecer, sempre está em comunicação com espíritos. Régulo é uma pessoa escolhida em um “djorson” para reinar, independentemente da estrutura da pessoa, a “renança” passa de djorson para djorson, e tem que ser um homem, e isso é para o bem da comunidade e da estrutura social. O ritual Katchit é uma prática cultural do povo mandjaco que se realiza uma vez por ano, geralmente, na época chuvosa entre os meses de novembro, dezembro e janeiro. Durante a sua realização, a comunidade mandjaco de Pexice reúne-se em locais específicos para fazer o ritual no qual fazem pedidos aos ancestrais para que o ano agrícola tivesse êxito ao mesmo tempo manifestam as suas satisfações e indignações relativamente aos acontecimentos dos anos pretéritos na produção agrícola. Sendo assim, é um momento de manifestação das suas identidades. Os rituais e cerimônias são umas das formas que os mandjacos mostram as suas identidades perante as sociedades. O ritual de katchit é interiorizado por indivíduos pertencentes a essa etnia como é um compromisso inalienável que marca a condição sociocultural da existência e legitimidade dentro da comunidade.

Este projeto objetiva compreender identidades culturais do povo mandjaco a partir do ritual Katchit. Com efeito, as tradições mandjaco sofreram influências e as transformações com o advento da modernização ou confluências culturais que o fluxo das interações interétnicas possibilitou, sobretudo, por meio de processos migratórios e a colonização europeia que é experimentada na Guiné-Bissau desde século XV aos meados do século XX.

Os mandjacos de Pexice, bem como todos os povos, têm as suas tradições e manifestações culturais, por exemplo, Udaá (colegação), Binim (casamento), Cambache (prática de iniciação), adjieka usai, Katchit etc. Dentro desse panorama sociocultural da etnia mandjaco, constituímos o nosso objeto de estudo no ritual Katchit. Ao pretendermos adentrar nesse ritual, que aglutina diversas identidades desse povo, pretendemos também contorná-la em suas especificidades, evidenciando as eventuais transformações que esse grupo étnico tem operado nesse ritual que é denominado de Katchit. Portanto, o objeto de estudo desta

pesquisa limita-se neste ritual no qual o povo manjaco veicula uma série de identidades a que lhes dizem respeito.

A partir das técnicas metodológicas baseadas na aplicação de questionários, realização das entrevistas e da revisão bibliográfica operacionalizaremos as estratégias metodológicas assentadas: primeiro, na compreensão das manifestações que se atribuem ao ritual *Katchit* na antiguidade e suas significações; segundo, a forma como essas manifestações são feitas na contemporaneidade, incluindo a configuração dos grupos e sujeitos que as materializam; terceiro, os instrumentos e os elementos que são mobilizados para o seu efeito. Todas essas estratégias serão executadas através do método etnográfico. Portanto, a nossa pesquisa será uma pesquisa etnográfica ou empírica que conjuga os elementos da pesquisa bibliográfica. A aplicação dos questionários e a realização das entrevistas serão feitas com a população de Pexice, priorizando mais os jovens e adultos (mulheres e homens). Este trabalho será fundamentado pelas contribuições teóricas dos campos da cultura e identidade. Sendo assim, os conceitos da cultura e das identidade (GEERTZ,...) serão fundamentais para compreender e evidenciar as identidades dos mandjacos assim como as suas transformações. Considerando isso, o campo da Antropologia Cultural apresenta-se como um campo viável para esta pesquisa.

Em termos do desenvolvimento da pesquisa, diremos que esta pesquisa será dividida em três partes. A primeira parte será dedicada à pesquisa bibliográfica documental, na qual faremos a revisão da literatura e a organização do material do campo. A segunda parte será dedicada à pesquisa do campo, através da observação participante, aplicando questionários e realizando as entrevistas semi-dirigidas com os habitantes de Pexice. Nesta fase, haverá a interação direta com o objeto de pesquisa de modo a compreender a sua configuração sociocultural e os significados empíricos do ritual *Katchit* em Pexice. A terceira parte será dispensada para organização, análise e interpretação dos dados para a elaboração do texto final.

Quanto à organização do trabalho final, prevê-se que o produto final esteja organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo será: O processo histórico do ritual *katchit*. Nele, apresentaremos a história desse ritual no espaço que constitui o objeto desta pesquisa, por meio das narrativas dos próprios sujeitos que o praticam. O segundo capítulo será Transformações e significados atribuídos ao ritual *Katchit*. Devido a natureza deste capítulo, ele será desenvolvido em duas seções que são: transformações desse ritual. Nesta subseção, trataremos as influências dos elementos externos e internos à comunidade que interferem direta

ou indiretamente no ritual e que no final geram mudanças ou dinamizam o ritual ao ponto de classificar além do estágio inicial com qual era concebido e percebido, consumando dessa forma a sua transformação. Ao passo que, na segunda subseção, deste segundo capítulo, buscaremos apresentar os significados construídos por praticantes de Katchit a volta deste ritual e, paralelamente, constituintes do panorama identitário do povo mandjaco. O terceiro capítulo denominar-se-á Madjacos no ritual de Kachit. Será um capítulo em que descreveremos um ritual de Katchit realizado no tempo presente e na nossa presença. Por isso, ele privilegia os elementos atuais observados pela pesquisadora no decorrer do ritual. Todo o ambiente, incluindo materiais, formas e contexto será analisado e interpretado neste capítulo. O quarto capítulo será o lugar de Katchit na estrutura social dos madjacos de Pexice. Neste capítulo, evidenciaremos o valor atribuído a este ritual por este povo. Sabendo que, uma estrutura social é composta por vários elementos culturais que têm as suas especificidades, no entanto, encapsulados no único repositório cultural identificado como cultura do povo em questão. O capítulo versará justamente no âmbito da estrutura para espelhar a configuração desse ritual no conjunto identitário e sociocultural.

Considerando isto, acredita-se que os objetivos desta pesquisa serão alcançados com menor risco, porque a sua viabilidade é, com o efeito, perceptível no contexto em que se encontra só próprio objeto.

Desde meados do século XX, com a consolidação das Ciências Sociais e Humanas, nas quais fazem parte a sociologia e a antropologia, os estudos culturais têm despertado a atenção de muitos pesquisadores sociais. No entanto, os povos da periferia do Sul Global são estudados por antropólogos há muito tempo, mas mesmo assim, pode-se considerar que tais estudos são ínfimos, isto é, se considerarmos a amplitude e diversidade desses povos manifestam em suas práticas socioculturais (HAL, 2011).

Na Guiné-Bissau, diferentes grupos que constituem o seu macro sistema cultural foram também objeto de estudo por guineenses e demais estudiosos estrangeiros que também se interessaram pelas suas sociedades. No caso dos manjacos de Pexice, podemos destacar, por exemplo, a pesquisa do português João Ferreira, que após um estudo das culturas desse povo, escreveu e publicou um romance de grande relevância na literatura desse país, intitulado *Uana: narrativas africanas* em 1986. Nessa produção literária, Ferreira apresentou, através da linguagem um processo de luta de libertação da Guiné-Bissau, tendo Pexice, seu povo e suas culturas como ponto de partida para problematizar as dinâmicas socioculturais da

Guiné-Bissau, inicialmente, com maior ênfase nas dinâmicas dos mandjacos de Pexice, posteriormente ala para os demais espaços, centralizando o seu desenlace na capital Bissau.

Admitimos a existência de outros estudos sobre a etnia mandjaco, como é o caso do trabalho da Paulina Mendes (2014) que estudou *a modernização das comunidades manjaco e a mindjização do Estado na Guiné-Bissau*. No entanto, a pesquisa da Mendes tem como objeto de estudo os mandjacos de Canchungo ou Babock. No nosso caso, pretendemos estudar as culturas de mandjacos de Pexice.

Dada a pouca produção científica sobre esse povo e suas culturas, justifica-se a necessidade de dedicar os nossos esforços para entender como são realizados os rituais ancestrais na contemporaneidade desse povo de Pexice, tendo o caso específico de Katchit

Os mandjacos costumam fazer, em cada estação do ano, uma manifestação específica onde todos participam – Katchit –, neste ritual, a primeira vista, identifica-se uma vestimenta ímpar: usa-se panos de pente de diferentes modelos e cores, *rupon*, *cindjadura*, bandas, cordões de conta; mas cada um tem o seu nome e significado próprio dentro do contexto de uso, ou seja, nesse ritual (*veja a imagem 1*). Mulheres e homens usam essa indumentária.

Quando o arroz é maduro (*u mané adjank*), os(as) jovens, adultos e anciãos se organizam em grupos diferenciados em faixa etária (*udá* ou *colegação*) e participam da colheita que é denominada de *katchit* em língua manjaco (colheita).

Feito isso, a produção é transportada para casa numa ação mútua de solidariedade entre os membros da comunidade. Dessa forma, todas as famílias recebem os seus cultivos em casa, no entanto, o régulo, como sendo a entidade máxima da comunidade, é quem terá o seu cultivo transportado primeiro antes das demais famílias terem transportado os seus cultivos para as suas casas.

Na cultura mandjaco, o arroz tem um significado que ultrapassa um simples produto alimentício, e ganha a sacralidade nos costumes e práticas rituais de grande relevância sociocultural. Em alguns rituais, por exemplo, casamento, fanado, Ucéi, *toca-chouro* etc., a presença do arroz é muito importante, sendo que ele é usado em procedimentos rituais de cada uma dessas cerimônias.

Tendo o transporte de cultivo feito, ou seja, levar o arroz do local da produção (bolanha) para a aldeia, começa, em seguida, a festa. Para esta festa, cada *udá* ou “colegação organiza-se e

prepara o ambiente e tudo que diz respeito ao festejo de katchit. As mulheres preparam a comida e os homens trazem o vinho de palmeira (Puat ufaxal). O espaço da festa é improvisado com folhas das árvores, com destaque para as da palmeira que são usadas para construir barracos nos quais o ritual decorre.

As mulheres usam *Ifal ufaxal* (panos marcados) colocam *sindjadura*, camisa de socas, contas e *Simdjer ifal*³, porém os homens usam uma vestimenta diferente. Dependendo da organização, pode ser *budont udjinal*, (pano preto) *Ufinim-* (lope) e a música é construída por algumas pessoas, pode ser homens e/ou mulheres, e cada música tem os seus significados. O ambiente conta com dança, comida e bebidas. Nessa comemoração, os participantes sentem-se em caminhão com os ancestrais, isso mostra que os ancestrais sempre estão presentes no mundo dos vivos⁴. Por outro lado, é uma forma da demonstração das suas identidades e os seus valores atribuídos pela cultura. No entanto, esta pesquisa pretende analisar alguns aspectos a respeito dessa prática.

2. JUSTIFICATIVA

³ É o conjunto das partes que compõem a vestimenta da cerimônia de katchit que é usada pelas mulheres, nomeadamente, pano branco, *sindjadura*, camisa de socas e contas.

⁴ Essas informações foram acolhidas nas fontes orais, através da conversa realizada com um colaborador nativo de Pecixe que participou muitos anos dessa cerimônia.

A identidade de um povo é antes de tudo o seu signo cultural por meio do qual configuram os códigos interpretativos das realidades e do mundo. Sendo assim, as identidades dos manjacos de Pexice constituem-se no instrumento representativo das diversidades culturais a que lhes dizem respeito, por outro lado, nelas aglutinam-se os seus valores e a leitura que se faz do mundo.

Os manjacos são povos, tal como todos são, cujas as identidades são patentes e expressam nas suas manifestações culturais, nos ritos, nas cerimônias, em suma, nas suas relações socioculturais passíveis de mensurar por meio de estudos cuidadosamente elaborados e que envolvem a participação dos mesmos através das contribuições que podem fazer por intermédio das diversas estratégias de coleta de dados ou levantamento de informação empírica.

Conhecer uma realidade é estar habilitada para intervir nela, provocando ou incentivando o seu avanço e desenvolvimento sociocultural. A intenção de compreender a cultura do povo manjaco e a sua contribuição na formação do estrato social guineense, dialogando as sua organização social, política, cultural e econômica levou alguns pesquisadores a dedicar as suas pesquisas sobre esse grupo étnico. Aliás, isso vinha sendo feito desde o período colonial e os registros dessas pesquisas podem ser encontrados no Bolitim Cultural da Guiné Portuguesa.

A continuidade de estudo dos manjacos da região de Cacheu em geral e do setor de Pexice em particular foi muito tímida, quase desacelerada por motivos que precisam ser conhecidos por meio das pesquisas acadêmicas. São muito poucos os trabalhos acadêmicos sobre esse grupo cuja presença na sociedade guineense é bastante conhecida, porque ocupam 8,3% da população nacional. A escassez aumenta quando se delimita mais especificamente ao ritual de Katchit dos manjacos de Pexice.

No meio desse vazio investigativo sobre os manjacos, encontramos alguns trabalhos dos estudantes da UNILAB, como é o caso do artigo da Tânia Correia Jaló, sob a orientação do professor Dr. Ricardo de Nascimento, intitulado “O ritual, cerimônia de katchituran na cidade de Caio”(2019); o trabalho do Virgílio Vicente Mendes, denominado “Manjaco: Construção das identidades a partir da contraposição ao projeto ideológico do ‘homem novo’ no contexto pós-colonial (1963 – 2012)” (2019); Bernardo Gomes de Jesus com o tema “Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, cultura, saberes e tradições no período colonial e pós-colonial” (2018); Paulina Mendes, com o título “entre os ‘saberes locais’ e o ‘saber universal’:

a modernização das comunidades manjaco e a “mandjização do estado na Guiné-Bissau” (2014); Mariana Ferreira, sob título “SONS DA TRADIÇÃO registro da tradição musical de três etnias da Guiné-Bissau: manjacos, balantas-brassa e bijagós (de Bubaque).

No entanto, nenhum destes trabalhos abordou os manjacos de Pexice, mas, sim, o povo manjaco no geral e especificamente os habitantes de outros setores da região de Cacheu, por exemplo, Canchungo (babock), Caio (ba iu) entre outros. Considerando isso, este trabalho justifica a sua pertinência no âmbito acadêmico porque ajudará a minimizar a falta das pesquisas sobre os manjacos de Pexice. Além disso, a sua realização representará uma grande oportunidade para mim, pois permitirá a realização de um dos meus sonhos que é conhecer muito bem o ritual de Katchit para desvendar as identidades desse povo da ilha de Pexice. Continuando no campo acadêmico, a contribuição desta pesquisa pode ser melhor compreendida na sua potencialidade de ser, no futuro próximo. Também será um reforço para os futuros trabalhos que se interessam por este tema.

No âmbito social, esta pesquisa é de suma relevância na medida em que não só ajudará na socialização do conhecimento dos manjacos, envolvendo a sua organização sociocultural, principalmente, os sentidos construídos à volta do ritual Katchit na qual as identidades dos mandjacos dessa ilha nordestina guineense estão encapsulados vivamente.

Com efeito, os estudos culturais estão muito avançados nas Ciências Humanas, nomeadamente, nas Humanidades, Antropologia e Sociologia. Contudo, este avanço apresenta-se retroativo quando se refere à Guiné-Bissau, porque poucos estudos foram feitos sobre os seus diversos grupos étnicos. E os manjacos de Pexice fazem parte desse mosaico étnico guineense que demanda estudos engajados.

Os resultados esperados desta pesquisa são enormes e importantes, visto que além de expressarem uma valiosa oportunidade para a nossa formação enquanto cidadãos nacionais que de modo algum a única possibilidade de fugir da missão da reconstrução nacional, intermediará a nossa relação identitária com a terra na qual os nossos pais e avós viram-se nascer e viver. Sendo filha de Pexice, o meu envolvimento com questões que dizem respeito a essa localidade e a sua comunidade é sintomático e quase automático. Por isso, sentimos um dever de estudar essa comunidade para contribuir no seu desenvolvimento sociocultural. Pois jamais resta a única dúvida de que para transformar positivamente uma realidade é indispensável o seu conhecimento. E isso por sua vez demanda estudos que permitam

conhecer melhor os fenômenos e os fatos que a constituem e influenciam com vistas a uma intervenção consciente e adequada.

Portanto, a pesquisa será fruto da comunidade para a finalidade da comunidade porque a comunidade expressa-se em mim enquanto seu membro e manifesta-se na minha trajetória enquanto estudante que proverá da ilha de Pexice.

3. DELIMITAÇÃO

Os estudos culturais são desafiados a dar conta de realidades e contextos complexos, fluidos e dinâmicos, características naturais da própria cultura e dos sujeitos que nela se inserem. A relação do ser humano com a cultura é inata na medida em que ainda na fase pré-natal o feto é estimulado a se habituar e relacionar com certos padrões de comportamento no ventre da mãe. Com efeito, esses padrões e comportamentos são transmitidos pela cultura e herdados pelas gerações através de processos de assimilação, ensino e aprendizagem.

Considerando essas condições, qualquer ação humana intelectual que visa captar, sistematizar e explicar os fatos culturais é desafiada a desafios de precisão ou definição do corpus que se pretende pesquisar ou explicar. No nosso caso, não constitui exceção. Sendo assim, esta pesquisa tem como corpus o ritual Kitchit de mandjacos de Pexice entre 2022 a 2024. A escolha desta data justifica-se pelo nosso interesse de entender esse ritual na contemporaneidade, envolvendo as possíveis transformações e significações que ganhou na primeira década do século XXI. Um período marcado pelas mudanças estruturais e sistêmicas causadas e entre outros fatores, pelo avanço da globalização e internacionalização não apenas dos mercados, mas também das culturas e dos povos. Esse período é marcado pela notória aceleração de migração interna e externa do povo guineense, o que também refletiu na confluência cultural dos grupos étnicos que partilham o mesmo território nacional, mas encapsulados em territórios simbólicos e culturais passíveis de identificar sem grandes ginásticas mentais.

Por outro lado, a preferência da ilha de Pexice justifica-se pela pouca ou quase inexistência dos estudos do ritual de Katchit que se realiza nesta ilha. É muito mais fácil encontrar pesquisas sobre este mesmo ritual, porém realizado nos territórios circundantes da ilha de

Pexice, por exemplo, Caio, Djeta etc. Além disso, mesmo sendo a mesma etnia manjaca que vive nestas zonas, a diversidade é visível em vários aspectos: linguístico, cultural e espacial. Portanto, compreendendo as especificidades das identidades daquele grupo que vive nesta ilha, representará certamente uma contribuição salutar no processo de avanço dos estudos culturais e explicação da sociedade e identidades dos povos na contemporaneidade.

No entanto, ao lado desses motivos tem-se outros que se enquadram no pertencimento da pesquisadora. Uma descendente de Pexice que devido a instalação da família na capital, Bissau, teve pouca presença na ilha de modo que a sua interação e/ou relação com o ritual de Katchit é ínfima. Este estudo servirá como elo de conexão e minimiza este distanciamento da pesquisadora com o espaço ou a terra na qual os seus pais proveram.

4. PROBLEMÁTICA

Segundo Jaló e Nascimento (2019, p. 4) “Katchuturan é uma manifestação cultural dos Manjacos de Caió e Djeta, feita pelos jovens na “tumba”, local de encontro destes jovens com a finalidade de realizar rituais sobre a vida de Uran Colegasom [...]”. No entanto, importa contextualizar que, além desses dois espaços, (Caió e Djata), a mesma manifestação é praticada também nas comunidades que estão arredores, por exemplo, Pecixe, Cajegute, Calequis etc. Por outro lado, “Katchituran também é um ritual de passagem sagrada [...] realizada no inverno e no período da nova colheita de arroz”.

Segundo Mendes (2014, p. vii), a comunidade manjaco passou por transformações patentes em suas culturas. Certamente, os “fatores como a escravatura, a evangelização, a colonização, a emigração e a globalização contribuíram para uma transformação das comunidades manjaco, que se refletiu na modernização progressiva das mesmas”. Para a mesma autora, as referidas transformações impulsionaram um grande redimensionamento dessa comunidade e desprenderam alterações profundas em vários domínios sociais e culturais expressas “na substituição progressiva de instituições como a gerontocracia pelo poder económico, das redes comunitárias pelo individualismo e dispensabilidade das instituições de vigilância pela criação de grupos de vigilância”.

Será que essas transformações atingem os rituais do povo de Pecixe em geral e particularmente o ritual Katchit? Caso sim, como elas se manifestam no seu interior? E como são percebidas pelos sujeitos praticantes? Quais implicações as mesmas têm na continuidade ou não das identidades culturais a partir da percepção na comunidade local?

Na contemporaneidade os povos mandjacos têm-se verificado algumas hesitações dentro da sua camada mais jovem em aderir aos ritos da comunidade. Segundo as fontes orais, atualmente, alguns jovens não se sentem acomodados em participar na cerimônia de katchit. A maioria dessa comunidade juvenil viveu alguns anos em grandes cidades, ou seja, na capital do país e tem sido influenciada pelas culturas ocidentais ou sofreu a influência do hibridismo cultural que as relações interétnicas engendradas na capital e noutras cidades do país cinturão. Esses fatos os fazem sentir menos identificados com a continuidade das práticas e cerimônias das suas terras natais. Portanto, os jovens que passaram por esse processo, às vezes, não aceitam participar em katchit.

As transformações afetaram não apenas os jovens das grandes cidades, porém alguns que nasceram e viveram em Pecixe são influenciados por um ou outro motivo a não participarem nessa cerimônia que é um dever da sua participação. A relutância à aderência é visível também na faixa etária variável de jovens e adultos. Isso indica as transformações que o ritual sofreu e ainda está a sofrer à medida que o tempo passa. Essas transformações não limitaram ao nível da ação dos sujeitos, mas também atingiu o nível estrutural quando se sabe que algumas cerimônias prévias deixaram de contar com o valor e o significado que tinham há muitos tempos ou antigamente. Uma dessas cerimônias é Ucéi. Esse ritual era cumprido antes de katchit e a sua realização está sob encargo do régulo.

Para a realização de katchit, o responsável máximo da comunidade, neste caso, o régulo tinha que fazer essa cerimônia de Ucéi. Essa cerimônia religiosa, também acontece no mês de novembro, no início da nova colheita, o régulo e os anciãos preparam comida, galinha e cana para levar nas *balobas*, o lugar onde comunicam com as divindades, os espíritos. O objetivo é anunciar o início do kebur e pedir uma boa colheita de arroz. E essa cerimônia sempre acontece em todas as tabancas de Pexice. Pois bem, a comunidade mandjaco está devida em tabancas, e dentro de uma tabanca existem diferentes djorsons (linhagem) cada família ou pessoa que pertence a uma dada djorson tem direito a participar dessa cerimônia. Só depois desse preceito foi esgotado, que a comunidade gozava da legitimidade de realizar a festa da colheita – katchit. Entretanto, essa prescrição tradicional nem sempre é observada atualmente,

porque mesmo sem a realização dessa cerimônia, em algumas tabancas, não deixa de ser realizada. Isso é mais que uma evidência das transformações das culturas e dos ritos da comunidade mandjaco.

Perante essa realidade, pergunta-se até que ponto a autoridade da comunidade local ou tradicional conserva o seu poder face às transformações contemporâneas? O que será, num futuro próximo ou longo, da sobrevivência dessa cerimônia de *katchit*? Por outro lado, sendo os rituais elementos constituintes da cosmovisão do povo mandjaco, torna-se coerente perceber que a ameaça à continuidade dos rituais constitui, duma ou doutra maneira, ameaça às identidades desse povo. Portanto, como as identidades da cultura Manjaco podem ser retroalimentadas num contexto de descompromisso da classe juvenil em dar a continuidade aos ritos da comunidade? Pode-se falar da descontinuidade indenitária a partir do desengajamento da camada juvenil com as cerimônias tradicionais da comunidade de Pexice?

5. HIPÓTESES:

- 1^a. O ritual *Katchit* passou pelas transformações na sua concepção e realização
- 2^a. Diversas identidades da cultura mandjaco manifestam-se no ritual *Katchit*.
- 3^a. O ritual *Katchit* representa um momento de interação entre os vivos e os espíritos ancestrais em busca da prosperidade comunitária.

6. OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral: compreender as identidades culturais do povo mandjaco de Pexice através do ritual *Katchit* na contemporaneidade.

6.2 Objetivos específicos:

- a) Conhecer o processo histórico do ritual *katchit* através da narrativa de manjaco de pexice;
- b) Compreender as transformações e os significados a ele atribuídos;
- c) Analisar o ritual *Katchit* da etnia mandjaco de Pexice;
- d) Entender o seu lugar na estrutura social dessa etnia.

Considerando estes objetivos específicos, a nossa pesquisa pode ser compreendida o seu potencial desenho estratégico viável para o alcance do objetivo geral que consiste em entender as identidades culturais da etnia mandjaco de pecixe no ritual de Katchit. Trata-se de um estudo que se enquadra no campo cultural enquanto uma especialidade acadêmica de estudos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

7. REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura que traz primeiras evidências sobre o povo manjaco, segundo Bernardo Gomes de Jesus (2018), localiza esse povo na costa ocidental da África, concretamente nas regiões que hoje integram os países conhecidos como Guiné-Bissau, Senegal e Gâmbia. A costa ocidental da África é reconhecida por historiadores, antropólogos, filósofos etc., como uma zona multiétnica de vários saberes que se confluem além das fronteiras materiais dos novos Estados formados no período pós-colonial (JESUS, 2018).

Existe uma certa semelhança cultural entre os manjacos e alguns grupos étnicos com que partilham quase o mesmo espaço na Guiné-Bissau. Por exemplo, Mancanhas e Pepelis. No conjunto do povo, cultura e língua Manjaco, nota-se uma variedade cultural e linguística. Aliás, essa característica é comum a todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau. Pois,

Existem muitos dialetos *manjak* [Manjaco] embora, de uma forma geral, as semelhanças linguísticas e culturais aproximam esses subgrupos em um grande grupo étnico. No entanto, existem outros grupos que se assemelham aos Manjacos em termos de cultura, linguística e organização social, mas que representam e são reconhecidas como etnias diferentes, das quais se destacam os Papéis e os Mancanhas (CARDOSO, 2003 Apud JESUS, 2018, p.11 [destaque do original]).

Portanto, a convivência cultural facilitada não apenas pela partilha geográfica, mas também pelas relações interpessoais aproximam os grupos tidos como diferentes e permitem a confluência cultural. É justamente nesses interstícios culturais que a semelhança cultural dos manjacos e demais grupos se explica ou é explicada por estudiosos pós-coloniais que se dedicaram ao estudo desse grupo étnico da Guiné-Bissau.

Para Mendes (2014), os habitantes manjacos da região de Cacheu constituem uma sociedade dividida em nove comunidades Manjacos. A mesma autora escreveu que “[...] a região de Cacheu localiza-se no norte do país na fronteira com a República do Senegal. Esta região é

constituída por seis setores: Bigene, São Domingos, Bula, Caio, Canchungo e Calequis” (MENDES, 2014, p. 24).

Os critérios da divisão da comunidade Manjaco da região de Cacheu estão fundamentalmente assentes em aspectos geográfico, linguístico e parentesco. As aproximações destes aspectos interconectam os grupos manjacos distinguidos dessa forma: “O subgrupo Djeta, Pecixe e Caió; o subgrupo Canhobe, Tam e Pandim; o subgrupo Babok (...) que integra Canchugo, UtiaCôr, Pontchenar, Canou, Bará, Capol, Badjope, Blequisse, Cadjindjassa, Tchualam, Petabe, Beniche etc.” Além destes subgrupos acima mencionados e que se localizam mais na zona Sul e Sudeste da região de Cacheu, tem-se os que se localizam no Norte e Nordeste da mesma região, é o caso do “subgrupo Tchur, que integra Tchur, Cacheu, Mata e Bianga; o subgrupo Pantufa, o subgrupo Pelundo e Binhante; o subgrupo Bassarel; o subgrupo Caliquesse, e subgrupo Cobiano” (MENDES, 2014, p. 24-27).

De acordo com Virgílio Vicente Mendes (2019), as comunidades desta etnia Manjaco são formadas por famílias extensas ou alargadas. No entanto, considera-se a existência da exceção, porque devido às influências da modernidade ocidental nessas comunidades, facilitada pela colonização e processo migratório, os modelos sofreram certas transformações, de modo que, nota-se nas comunidades Manjacos as famílias pequenas ou menos alargadas.

Para Jesus (2018), a “tradição” e a “modernidade” remetem a duas formas distintas, porém confluentes. O termo “tradição” não define aquilo que é velho, e ultrapassa o menos estático. A tradição pode ser elaborada e reelaborada em vários contextos possíveis. Por outro lado, a transmissão do saber ajuda a fortalecer os conhecimentos de muitas culturas africanas. E é muito importante saber que a “modernidade” traz o impacto nas sociedades tradicionais e pode ser entendida como uma evolução ou transformação cultural provocada ou não pela interferência causada ou não pelo colonialismo de forma positiva ou negativa.

Para Nha Dove (1998), as sociedades matriarcais africanas sofreram as influências do patriarcado por meio da penetração ocidental nas culturas e sociedades deste continente e passaram a ser patriarcais. Mesmo aquelas que resistem ao patriarcado são, em certas circunstâncias, tomadas pelo conteúdo exógeno do patriarcado.

As sociedades Manjacos são patriarcais, no entanto, a divisão social de trabalho é bem definida na sua organização social cuja estrutura é hierarquizada. Na sua estrutura social, a religião, a política, a cultura etc., são perceptíveis em práticas que constituem o seu modo de

ser e viver. Na organização social dos manjacos, destacam-se o senso da coletividade e o culto aos ancestrais. O grau de parentesco dos manjacos é definido por meio da filiação e descendência patrilinear (VIRGÍLIO, 2019).

Segundo Carreira (1961, p. 693), as famílias Manjacos são “[...] caracterizadas pela existência do grupo constituído por homem, mulher (ou mulheres), filhos, sobrinhos e outros parentes em linha recta – e em alguns casos até em linha colateral”. Os membros da família “[...] ficam rigidamente vinculados à obrigação de cooperar perfeita e lealmente na manutenção e perpetuação dessa unidade social” (CARREIRA, 1961, p. 693).

Segundo Mendes (2019, p. 2), os manjacos estão organizados em “[...] *tabankas* e estas, por sua vez, subdivididas em outros grupos com mesma linhagem patrilinear (famílias extensas ou alargadas), desde o período pré-colonial”. Na estrutura social dos manjacos, é comum encontrar as seguintes entidades e funções: *Bakuram ou badjip* (aqueles que sepultam os mortos); *Bapene* (advinhos); *Bamanham* (sacerdotes); *Gětchai* (espíritos); *Babucim* (famílias nobres); *Naiëk Pëboka* (chefe da casa) ; *Naiëk kaboka* (chefe da linhagem); *Maték* (chefe de cada parte); *Namantch Utchak* (chefe/régulo) de cada *tabanka* e no topo o *Namantchkor Baserel* (régulo dos régulos)⁵. Para Pinto (2009), os manjacos têm um sistema regulado que define a estrutura social. Este sistema antecedeu o regime colonial e sobreviveu apesar de fortes ameaças que sofreu devido a tentativa de implantação do sistema ocidental a partir da dominação colonial. Com o advento do Estado-Nação guineense na década 70 do século XX, o sistema de regulado não conheceu o refrear das pressões e contradições da forma do novo estado baseado no estilo imposto, porém conservou a sua estrutura e se reorganizou fora dos modos ocidentais. A legitimidade deste sistema é inquestionável entre os povos manjacos.

As zonas ocupadas por manjacos têm a presença de outros grupos étnicos que migraram para essas zonas. Tudo isso indica que se trata de uma zona multicultural, porque coexistem os elementos de várias culturas e a maioria possivelmente possui uma ancestralidade comum, tendo em vista as semelhanças que observamos.

⁵ “Alguns sepultam os mortos, os *Bakuram*; outros são adivinhos, os conhecidos como *Bapene*; outros chamados de *Bamanham* (sacerdotes), que servem nos altares dos *Gětchai* (espíritos), onde só estes podem ter e dar acesso, inclusive qualquer ato neste local sagrado é consumado pelo *Bamanham*; ainda existem os *Babucim* (famílias nobres). É uma sociedade essencialmente hierarquizada que se estabelece conforme descrição ascendente a seguir: *Naiëk Pëboka* (chefe da casa); *Naiëkkaboka* (chefe da linhagem/famílias extensas ou alargadas); *Maték* (chefes de cada parte); *Namantch Utchak* (chefe/régulo) de cada *tabanka* e no topo o *Namantchkor Baserel* (régulo dos régulos, que reside na *tabanka* de *Baserel*)” (MENDES, 2019, p. 2 – 3).

Na cosmovisão Manjaco, as divindades podem manifestar-se de diversas formas: em má colheita ou boa, conflitos nas tabancas, nas cerimônias, nos rituais etc. Por outro lado, os manjacos acreditam que a feitiçaria pode interferir no destino da pessoa para o bem ou mal, (JESUS, 2018). Por isso, os indivíduos ou os manjacos evitam em entrar em conflito com os costumes e as tradições, principalmente as práticas mais sensíveis, como o respeito aos mais velhos, a preservação de bom nome na comunidade, o culto aos ancestrais, a participação nos trabalhos ou ações organizados pela comunidade entre outros. Uma das práticas culturais dos manjacos é Katchit Udá.

A participação na comemoração desse rito Katchit não é forçada por um poder coercitivo direto. Cada membro da comunidade toma a liberdade de participar ou não da cerimônia. Porém, existe uma coerção psicológica que se sustenta no medo aos ancestrais e aos espíritos nos quais os mandjacos acreditam na sua existência. Toda a cultura tem a sua existência subjetiva em seus praticantes. Essa existência influencia na tomada de decisão dos seus efetivos de modo que a coação simbólica torna-se imprescindível na observância dos preceitos que a ele dizem respeito.

Na comunidade madjaco, essa realidade é observável e sustenta a interligação, preservação e continuidade das práticas culturais. Para a realização de katchit, os líderes da tabanca vão antecipadamente para o lugar sagrado (baloba onde decorre o ritual) para fazer a cerimônia, e para isso levam *ucana* (cachaça), *puat ufaxal* (vinho de palmeira ou vinho palma) e alguns animais cuja a sua ausência afeta os preliminares do ritual e a sua realização.

A aguardente cana ou cachaça no contexto da etnia Manjaco é um vinho indispensável em todos os rituais importantes desse povo, porque é um líquido que inicia e estabelece a comunicação entre os ancestrais e demais espíritos nos quais eles acreditam. Os animais mais recorridos são: porco, galinha, cabra etc.

De acordo com a fonte oral, no decorrer da cerimônia, *Namanha* que é o responsável do ritual e mensageiro dos espíritos, quando começa a falar os demais anciãos ficam em silêncio em forma de escuta. Depois da sua exposição, os anciãos têm tempo para pedir o que quiserem aos espíritos e/ou perguntar o que acharem necessário. Geralmente, os pedidos são feitos à volta de boa colheita do ano, da proteção e da fertilidade, a fim de proporcionar uma existência sã da comunidade e a aquisição do excedente necessário para o mantimento da população. Verifica-se também uma crença dos povos manjacos no poder dos ancestrais.

Os principais motivos desse ritual ou comemoração cultural dos mandjacos de Pecixe visa permanecer as suas identidades. No seio da comunidade mandjaco existe a solidariedade no trabalho, por exemplo, na época chuvosa em que se pratica o cultivo de arroz e demais culturas, todos trabalham em colaboração, ajudando uns aos outros. O mesmo se verifica na colheita. Por exemplo, se uma pessoa tem cultivado Bdem (bolanha) no dia da sua colheita, a informação passa por grupo ou coletividade a que ele faz parte e todos vão ajudar na colheita que é (*kebur*).

Existe uma tradição que é respeitada por todos os povos mandjacos, quando se trata da colheita: primeiramente, faz-se o *kebur* (colheita) do régulo e, ao fazer isso, obrigatoriamente todo o povo, ou seja, população deve participar, porque o (*kebur*) do régulo é de seis em seis dias. Depois da primeira colheita do régulo, os demais membros da comunidade podem começar as suas colheitas. Todavia, o desrespeito à tradição e de participar do trabalho do régulo pode causar consequências desastrosas. Porque a pessoa corre o risco de ser retirado o direito ao uso da terra, neste caso, Bdem (bolanha) de que se servia para cultivar, isso é como uma forma de sanções impostas em decorrência do delito. E isso se fundamenta no direito tradicional. Pois, o régulo é o proprietário de todas as Bdem, quem não participa perde o direito do uso da terra (bolanha) e aquela mesma terra pode ser concedida a uma outra pessoa ou pode ficar sob controle e exploração do régulo. Por isso, quando se tem o trabalho dessa figura máxima da comunidade, todo o povo tem que participar.

Geralmente, o ritual *katchit* acontece no período de novembro, dezembro e janeiro. Reiterando, antigamente, quando o arroz está maduro, antes da sua colheita, acontece uma cerimônia que se chama de (*ucei*), esta cerimônia acontece antes do início de *kebur*, pois ela é feita na (*baloba*).

O régulo só pode cortar o cabelo uma vez por ano, no começo da colheita ou em novembro. Além disso, nesse período de início da colheita, o mesmo régulo come frutas e arroz novos. No início da colheita, os responsáveis da tabanca (aldeia), por exemplo, o régulo leva as coisas na *baloba* para pedir que a colheita fosse boa durante o tempo da nova colheita.

7.1. Cultura como categoria analítica e definidora de significados de sujeitos

A cultura como categoria teórica e empírica é uma das mais conceituadas no campo social. Muitos antropólogos e sociólogos dedicaram um tempo considerável em estudar a cultura para compreender o seu sistema e a sua funcionalidade. A vasta literatura dedicada à cultura apresenta um panorama conceitual e empírico que permite entendê-la como forma indissociável ao ser humano. Um dos teóricos que aderiu a esta missão é Clyde Kluckhohn. Segundo Clifford Geertz (2012, p. 4), a cultura é definida por Clyde Kluckhohn como

(1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história" (GEERTZ, 2012, p. 4).

Dada a sua complexidade, a sua definição é complexa e diversa. Com base no panorama apresentado acima, podemos compreender que o conceito da cultura é plurissignificativo e amplo. A cultura pode ser entendida como tudo que diz respeito ao ser humano: seu comportamento, sua ação, sua criação, seu pensamento, em suma, a sua realidade ontológica e epistemológica.

Para Clifford Geertz (2012), há vários conceitos da cultura o que demanda a escolha de uma ao se pretender abordá-la para evitar a imprecisão e indefinição. Considerando isso, Geertz na sua obra denominada *A interpretação das culturas* (2012) um livro que incluiu os ensaios desse antropólogo sobre a Ásia e África, ele entendeu a cultura como semiótica. “O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade [...], é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Na sequência, Geertz disse: “assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. A cultura para Geertz é uma ciência que está na busca permanente de significados. Pois, os significados culturais são plurais e inesgotáveis.

Segundo Roque de Barros Laraia (1986, p. 25), nos finais do século XVIII, era utilizado *Kultur*, um termo de origem germânica, “para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade”. No mesmo período, o termo francês *Civilization* dizia respeito “às realizações materiais de um povo. Não obstante, na segunda metade do século XIX, o britânico Edward Taylor sintetizou os dois termos (germânico e francês) em termo inglês *Culture* na sua obra

intitulada *Primitive Culture* (cultura primitiva) (1871). Assim, a cultura “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TAYLOR, 1871, p.1).

A definição da cultura de Taylor contemplou as ações inerentes ao mecanismo biológico e a realização humana. Ou seja, através da palavra cultura, o autor referia “todas as possibilidades de realização humana”. Para ele, a cultura se aprende e não se adquire inatamente por intermédio dos mecanismos biológicos como acreditavam alguns pensadores.

Segundo Laraia (2012, p. 25), “o conceito de cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi portanto definido pela primeira vez por Taylor. Mas o que ele fez foi formalizar uma ideia que vinha crescendo na mente humana”. Laraia fez a apresentação da origem do conceito da cultura e a sua evolução, apresentando alguns autores que contribuíram na sua conceituação. Um desses autores é o filósofo britânico John Locke [1632-1704). Este filósofo escreveu em 1690 “Ensaio acerca do entendimento humano”. Neste ensaio, Locke afirmou que a mente humana nasce vazia, tendo apenas as disposições natas de receber o conhecimento, em outras palavras, o ser humano nasce com capacidade ilimitada de aprender e essa aprendizagem ou recepção de conhecimento é feita por enculturação. Na era do Locke, acreditava-se que existem princípios e verdades inatas adquiridos hereditariamente na mente humana. Porém Locke não reconhece essa percepção e afirma que há uma diversidade tanto em princípios quanto em valores. Isto é, não existem princípios e valores universais que as sociedades seguem, mas sim cada sociedade tem os seus valores e princípios, portanto, não existe a verdade e moral inatas universais.

Outro teórico apresentado por Laraia neste processo de definição da cultura é o antropólogo americano Marvin Harris (1969) que nega a verdade inata. Para ele, o comportamento é capaz de ser mudado pela mudança do ambiente. Ao passo que, Jaques Turgot (ano, p.) afirma que o homem é capaz de conservar as suas ideias eruditas e comunicá-las para os seus semelhantes, assim como descendentes formando uma herança crescente. Essa transmissão preserva o conhecimento.

Na primeira metade do século XX, tornou-se notável o avanço da Antropologia Cultural e esse avanço revelou-se não apenas na maior precisão do conceito da cultura, mas na forma de realização das pesquisas etnográficas ou culturais. Sendo comumente reconhecido que a

“maior realização da Antropologia no século XX foi a ampliação e a clarificação do conceito de cultura” (LARAIA, 2012. p. 27).

Para Geertz (2012, p. 25),

o estudo da cultura se tem desenvolvido, sem dúvida, como se essa máxima fosse seguida. A ascensão de uma concepção científica da cultura significativa, ou pelo menos estava ligada a, a derrubada da visão da natureza humana dominante no iluminismo – uma visão que, o que quer que se possa falar contra ou a favor, era ao mesmo tempo clara e simples – e sua substituição por uma visão não apenas mais complicada, mas enormemente menos clara. A tentativa de esclarecê-la, de reconstruir um relato inteligente do que é o homem, tem permeado todo o pensamento científico sobre a cultura desde então. Tendo procurado a complexidade e a encontrado numa escala muito mais grandiosa do que jamais imaginaram. Os antropólogos embaralham-se no esforço tortuoso para ordená-la. E o final ainda não está à vista.

Para Taylor (1871), a cultura é tudo que o homem apreende na sua vivência social. A partir do Taylor para frente, houve um esforço dos antropólogos em dissociar a cultura do natural ou biológico. A cultura começou a aparecer nos trabalhos dos antropólogos não como algo ligado a biologia ou natureza, mas assim a cultura é definida como algo que não depende da natureza ou dos mecanismos biológicos. Neste caso, Kroeber (1950) aparece como um autor importante na concepção cultural fora do natural.

Segundo Roque de Barros Laraia Taylor contribuiu bastante na conceituação da cultura como o primeiro teórico que a atribuiu o conceito que tem na contemporaneidade, no entanto, Kroeber foi muito salutar na ampliação deste conceito. O mesmo antropólogo brasileiro sintetizou a concepção da cultura de Kroeber (1950) em oito (8) pontos que são:

1. A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações.
2. O homem age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou.
3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico.
4. Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu habitat.
5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que agir através de atitudes geneticamente determinadas.
6. Como já era do conhecimento da humanidade, desde o iluminismo, é este processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional.
7. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.
8. Os gênios são indivíduos altamente inteligentes que têm a oportunidade de utilizar o conhecimento existente ao seu dispor, construído pelos participantes vivos e mortos do seu sistema cultural, criar um novo objeto ou uma nova técnica. Nesta classificação podem ser incluídos os indivíduos que fizeram as primeiras invenções, tais como o primeiro homem que produziu o fogo através do atrito da madeira seca;

ou primeiro homem que fabricou a primeira máquina capaz de ampliar a força muscular, o arco e a flecha etc. são eles génios da mesma grandeza de Santos Dumont e Einstein. Sem as suas primeiras invenções ou descobertas, hoje consideradas modestas, não teria ocorrido as demais. É pior que isto, talvez nem mesmo a espécie humana teria chegado ao que é hoje (LARAIA, 1986, p. 48 a 49).

Esta síntese da definição da cultura do Kroeber feita por Laraia permite-nos compreender o lugar da cultura no homem. Não é difícil enxergar que ela é entendida como elemento determinante do comportamento humano ao mesmo tempo é usada por este para superar o seu estágio inicial (selvagem) para estágio mais avançado através da utilização da técnica e do conhecimento. A cultura é muito mais do que se imagina.

Segundo Nilma Lino Gomes, a cultura atravessa as vivências e práticas dos indivíduos. “A cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico”. Portanto, segundo ela, a cultura “diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social” (GOMES, 2003, p. 75).

A mesma autora explica que “Os homens e as mulheres, por meio da cultura, estipulam regras, convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e dos grupos”. Sendo assim, torna-se evidente que “por meio da cultura eles podem se adaptar ao meio, mas também o adaptam a si mesmos e, mais do que isso, podem transformá-lo”. Os indivíduos são influenciados pela cultura, porém eles também exercem influência sobre ela, podendo transformar a cultura. É devido a essa possibilidade que se assiste às transformações culturais feitas pelos indivíduos.

Sendo assim, a cultura da etnia mandjaca de Pexice é o instrumento convencional através da qual eles se comunicam e definem valores e significados. Segundo Laraia (1986), a cultura é a lente através da qual os indivíduos enxergam e compreendem o mundo. Ao falar da cultura na Guiné-Bissau participam outros elementos fundamentais, por exemplo, etnia, raça e nação. A noção dessas categorias é fundamental na compreensão da cultura.

Segundo Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (2011, p. 33), a noção de etnia foi introduzida pela primeira vez nas Ciências Sociais pelo defensor da “escola selecionista”, o antropólogo francês Georges Vacher de Lapouge. Este cientista social é conhecido como teórico da eugenia e do racismo. Ele ainda foi o fundador da antropossociologia: um tipo de estudo que conjuga o estudo antropológico e sociológico da raça com o objetivo de estabelecer a superioridade de certos povos em relação aos seus semelhantes. Em outras

palavras, a superioridade racial que foi objeto que suscitou inúmeros problemas nas relações inter-raciais e interétnicas no mundo ocidental e não ocidental durante séculos.

De acordo com Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 34), este selecionista francês “[...] considera o homem não como um ser à parte, mas como um primata cuja característica espécie é a de estar submetido mais à seleção social que a seleção natural”. Portanto, o homem é determinado socialmente. Neste caso, verifica-se claramente uma aproximação do Lapouge com Kroeber na concepção do homem e cultura. O mesmo Lapouge afirma que a seleção social é o sistema determinante do indivíduo. “É, então, o modo pelo qual, sob o efeito das seleções sociais, os elementos antropológicos superiores e inferiores se combinam em uma população que determina vicissitudes da história, isto é, ‘a vida e a morte, o crescimento e o declínio das nações” (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 2011, p. 34).

O Lapouge fez a distinção da etnia, raça e nação para evitar a confusão frequente entre a raça e etnia na literatura antropológica vigente. A sua distinção foi sintetizada por Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 34) da seguinte maneira:

Se Vacher de Lapouge inventa o vocábulo etnia, é, afirma ele, para prevenir um ‘erro’ que consiste em confundir a raça que ele identifica pela associação de característica morfológico (altura, índice cefálico etc.) e qualidade psicológica, com um modo de agrupamento formado a partir de laços, intelectuais, como a cultura ou a língua. Tais grupos sociais (que ele define simultaneamente como ‘naturais e factícios’) não podem, segundo ele, confundir-se com a raça, e até mesmo lhe são ‘mais ou menos oposto’, dado que se trata de agrupamentos que resultam da reunião de elementos de raça distintas que se encontram submissos, sob o efeito de acontecimento histórico, a instituição, a uma organização política, a costumes ou ideias comuns. Também não se pode confundi-los com as nações, visto a solidariedade assim constituída subsiste para além da fragmentação do grupo que a produziu. Uma vez que este desaparece como entidade sociopolítica, permanece sempre ‘uma certa atração entre as partes disjuntas e uma antipatia particular para com os grupos sociais de outras origens’ (Vacher de Lapouge, 1896, p. 10). É, então, para dar conta de uma solidariedade de grupo particular, simultaneamente diferente daquela produzida pela organização política e daquela pela semelhança antropológica, que o termo de etnia foi introduzido na língua francesa (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 2011, p. 34).

Por sua vez, o sociólogo francês, autor do livro *Sociologia da Cultura e das Práticas Culturais* (2009), Laurent Fleury, caracterizou a cultura e a diferenciou da natureza através de dois elementos fundamentais que são: reino da regra e reino da lei. Sendo a cultura governada pela regra construída e partilhada socialmente ao passo que a natureza é caracterizada pelo governo da lei natural. Em suas próprias letras, escreveu: “a cultura caracteriza-se pela existência de particularidades de suas instituições. A natureza é definida, ao contrário, pelo

reino da lei como princípio universal, opondo-se assim à cultura, domínio da regra caracterizada por sua variabilidade” (FLEURY, 2009, p. 20).

Segundo Fleury (2009, p. 20), “a oposição antropológica entre a natureza e a cultura encontra-se, portanto, nas distinções entre identidades e identificação, comunicação e linguagem, órgão e ferramenta, hereditariedade e herança”. Exemplificando, Fleury comparou a cultura com a linguagem e concluiu que a cultura remete-se assim a um sistema de signos ‘arbitrário’ de qualquer relação simbólica” (idem, p. 21).

Portanto, a cultura é um elemento indispensável na vida humana e ela contém os significados, valores e identidades dos sujeitos que a usam como binóculos para ver e entender o mundo social e cultural em que se inserem.

7.2. Identidade na formação de significado

A identidade participa na construção do sentido do território porque ela integra os signos culturais. “A identidade é conceito-chave na construção de políticas culturais. Além de dar sentido a um território cultural, reúne dentro de si elementos simbólicos compartilhados entre um grupo de tal modo a garantir a sua soberania como nação” (BRANT, 2009). O mesmo autor afirma que “a identidade cultural de um povo é geralmente reconhecida por seus elementos unificadores, como território, língua e religião” (p. 34).

Segundo Hall (2001, p. 13), “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Para ele, a identidade não é algo biológico, mas sim histórico, assim, ela é definida historicamente. No entanto, ela é variável ou mutável, porque varia de tempo e espaço. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “Eu” coerente” (idem). Posto isso, fica evidente que não existe uma identidade fixa a qual o indivíduo se prende eternamente. Pois, “dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2011, p. 13).

A identidade dos manjacos seria o que define os significados que eles mesmos constroem e que nos quais se relacionam no tempo e espaço. Porém, por ser plural, fluido e complexo, não se torna adequado referi-la no singular, mas no plural – identidades. Assim, supõe-se que as identidades dos mandjacos transformam-se na medida que os seus sujeitos progredem no

tempo com novas percepções do mundo e de suas realidades enquanto madjacos no meio social de Pecixe.

Segundo Brant (2009, p. 34), trata da identidade a partir, sobretudo, do viés de “políticas públicas de cultura torna-se cada vez mais complexo e espinhoso”. E isso levou a um olhar diferenciado sobre a identidade. “Geralmente atrelado ao nacionalismo e utilizado como política de Estado, o conceito [da identidade] passou a ser visto com certa ressalva por formuladores e pesquisadores contemporâneos” (BRANT, 2009, p. 34).

O estado através dos seus instrumentos unificadores, por exemplo, a nacionalidade, a língua única e os símbolos unificados etc. tende a abafar as identidades sob a pretensão de construir unidade nacional. Com efeito,

Os processos civilizadores precedidos monitorados pelo poder do Estado apagam os resquícios de traços culturais do passado. A nacionalidade desempenha um papel de legitimação na unificação política do Estado e a evocação das raízes comuns e de uma carácter comum deveria ser importante instrumento de mobilização ideológica – a produção de lealdade e obediência patrióticas” (BRANT, 2009, p. 34).

Para Hall, a sensação que os indivíduos têm sobre a existência de uma identidade comum sobre eles torna-se possível graças a um processo histórico de construção de significado em que essa sensação se baseia para ter a existência. Enquanto os processos da nacionalidade tentam unificar as identidades para formar um todo coeso e único denominado Estado, cultura nacional ou a identidade nacional, as próprias características identitárias não se diluem nas construções nacionais ou macrorregionais. Constatando este cenário, Hall (2011, p. 13) afirmou que a “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Partindo disso, percebe-se que por mais que se tenta impor uma hegemonia cultural identitária a um conjunto de grupos étnicos diferentes não se consegue inibir as especificidades de cada um que constituem as suas identidades. Na última instância, dialogarmos com Hall ao afirmar que, “à medida em que os sistemas de significações e representações culturais se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderiam nos identificar” ainda que essa identificação fosse temporal (idem, p. 13).

Portanto, as contribuições dos estudos culturais que se encontram na literatura especializada com os antropólogos, sociólogos e historiadores são muito importantes para a pesquisa que estamos a propor. Considera-se que existe uma literatura suficiente na qual as categorias

analíticas de cultura e identidade dos mandjacos de Pexice pode ser pensada e compreendida. Porém isso não quer dizer que existe uma vasta produção acadêmica sobre esse povo, estamos cientes da escassez das pesquisas culturais sobre a ilha de Pexice.

8. METODOLOGIA

A metodologia é uma categoria fundamental não apenas na transmissão do conhecimento, mas também na sua produção e principalmente na pesquisa científica. Na literatura especializada que versa sobre a elaboração da pesquisa e a sua execução, a metodologia é definida como Estudo de métodos. Segundo Zanella (2013, p. 22), o termo metodologia significa estudo do método. Entretanto, dependendo de sua utilização, a palavra metodologia tem dois significados totalmente distintos”. De um lado tem-se a metodologia no campo da pedagogia e que está mais relacionada à didática e de outro lado tem-se a metodologia no campo de pesquisa científica que se emprega para analisar os métodos aplicados à ciência. Em outras palavras, disse o Liane Carly Hermes Zanella que a metodologia é “ramo da pedagogia, cuja preocupação é o estudo dos métodos mais adequados para a transmissão do conhecimento”; por outro lado, a metodologia é “ramo da metodologia científica e da pesquisa, que se ocupa do estudo analítico e crítico dos métodos de investigação” (idem, p. 22).

A metodologia e a padronização e uniformização dos trabalhos científicos são dois procedimentos diferentes, no entanto, é comum na academia deparar com os usos equivocados da metodologia, tentando usá-la para referir a padronização e uniformização dos trabalhos que inclui a formatação do texto. Porém, “isso não é a metodologia. Zanella esclarece ainda que além dessa forma equivocada da metodologia, não é incomum encontrar-se com definições da metodologia como uma receita de regras e normas universais para a pesquisa. A crítica do autor quanto a isso vai no sentido de que essa definição ignora as especificidades ou diferenças que as pesquisas apresentam uma com as outras. Sendo que cada tema da pesquisa carrega a sua particularidade, não se pode definir regras gerais e universais para todas as pesquisas. Contudo isso não exclui a compreensão dos elementos comuns a todas as pesquisas, isto é, ter um início, um desenvolvimento e um fim, ou divulgação dos resultados.

Portanto, na ciência o uso da metodologia é comum na pesquisa e visa atender as necessidades do tema e dos objetivos definidos. Pois, a “pesquisa visa essencialmente a produção de novo conhecimento e tem a finalidade de buscar respostas a problemas e a indagações teóricas e práticas” (ZANELLA, 2013, p. 22-3). O mesmo autor afirma que “a pesquisa é a base da atividade da ciência e por meio dela descobrimos a realidade” (idem, p. 23).

Com efeito, são várias as definições da pesquisa enquanto prática intelectual desenvolvida por humano para explicar um dado fenômeno ou entender um determinado comportamento. Para Gil (2007, p. 42), a pesquisa é “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico e visa à produção de conhecimento novo”. Para Trujillo Ferrari (1982, p. 167), a pesquisa é uma “atividade humana, honesta, cujo propósito é descobrir respostas para as indagações ou questões significativas que são propostas”. Na mesma linha de raciocínio, Andereg citado por Lakatos e Marconi (1991, p. 154) assevera que a pesquisa é “um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir fatos novos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Para Pereira et al (2018, p. 67), realiza-se a pesquisa tanto no nível universitário ou técnico “como forma de se buscar respostas para problemas ou se conhecer e entender fenômenos que ocorrem nas diversas áreas do saber”.

Para que uma pesquisa se prossiga com segurança e fluidez é indispensável que tenha um método adequado a sua natureza. E isso exige do pesquisador ou da pesquisadora a capacidade de identificação, seleção e aplicação do método, das técnicas, das estratégias e dos procedimentos viáveis ao tipo da pesquisa a desenvolver. De acordo com Pereira (2018), “o método é o caminho para se realizar alguma coisa e quando se tem o caminho, torna-se mais fácil realizar viagens sabendo onde se está e aonde se quer chegar e como fazê-lo”. Segundo Zambello (2018)⁶, existem vários métodos de pesquisa: indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, dialético, comparativo, histórico, experimental, etnográfico etc.

Cada método tem a sua aplicabilidade dependendo do tipo da pesquisa a realizar. Nesta pesquisa aplicamos o método etnográfico, visto que é o mais adequado ao objeto. “O método etnográfico pode ser utilizado quando o objeto da pesquisa referir-se a fenômenos ou grupos sociais que permitam uma observação direta destes fenômenos ou grupos, para que se

⁶ ZAMBELLO, Aline Vanessa; SOARES, Alessandra Guimarães; TAUIL, Carlos Eduardo; DONZELLI, Cleivaldo Aparecido; FONTANA, Felipe; CHOTOLLI, Wesley Piante. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. (Org.): Thiago Mazucato. Penápolis: FUNEPE, 2018.

identifique e descreva as suas características (coleta de dados) [...]” de modo “que se compreenda a questão de pesquisa suscitada sobre este objeto que se estuda” (ZAMBELLO et al, 2018, p. 57).

Os mesmos autores afirmaram que o método etnográfico é coerente à abordagem qualitativa. “É um método bastante eficiente quando se procura compreender a dinâmica de grupos sociais e precisa-se de informações qualitativas para poder proceder à análise e interpretação destas informações” tendo como objetivo “[...] esclarecer aspectos levantados pela questão de pesquisa e, eventualmente, pelas hipóteses previamente estabelecidas” (ZAMBELLO et al, 2018, p. 57). Na última instância, concluem que “o método etnográfico pode ser de grande valia para a pesquisa, pois permite uma imersão do estudante na realidade a ser pesquisada para que possa observá-la e coletar dados diretamente de onde ocorrem os fatos, fenômenos, processos sociais”.

Com base nisso, e considerando que o nosso objeto de pesquisa é o ritual de Katchit, um tipo de ritual que envolve conjunto de pessoas e suas percepções do mundo sociocultural, a observação direta da prática do ritual por meio da etnografia apresenta-se adequada e pertinente. Sendo assim, estaremos envolvendo-nos ao mesmo tempo com os procedimentos utilizados na abordagem qualitativa. Segundo Pereira (2018, p. 67), nessa abordagem “[...] é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas”. Algumas características da abordagem qualitativa (alguns autores incluindo Pereira et al (2018) chamam-na de pesquisa qualitativa), foram apresentadas por Ludke e Andre (2013) da seguinte forma:

- 1) A pesquisa qualitativa, em geral, ocorre no ambiente natural com coleta direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento;
- 2) Os dados coletados são preferencialmente descritivos;
- 3) A preocupação do processo é predominante em relação à do produto;
- 4) O “significado” que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção para o pesquisador e,
- 5) A análise de dados e informações tende a seguir um processo indutivo (LUDKE; ANDRE, 2013, apud PEREIRA et al, 2018, p. 67).

Essas etapas e cuidados são de extrema importância para a efetivação da pesquisa etnográfica de abordagem qualitativa e que tem como objeto de pesquisa prática cultural realizada por grupo de indivíduos, portanto, o grupo social que permanentemente constrói significados sobre a vida social, individual, espiritual e cultural.

Existem vários tipos de pesquisa, dentre quais documental, de caso, experimental, bibliográfica, etnográfica, de campo etc. Cada uma dessas pesquisas reporta um método mais adequado a sua natureza e o tema que o pesquisador propõe pesquisar. De acordo com Gil (2002, p. 44) a pesquisa bibliográfica é aquela “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. O mesmo autor ressalta que quase em todas as pesquisas o uso do material bibliográfico é indispensável, no entanto, “[...] há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como ‘pesquisas bibliográficas’. Além disso, acrescenta o autor que “As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas” (idem, p. 44)

Uma pesquisa dependendo dos seus objetivos pode se enquadrar num dado tipo de pesquisa, no entanto o seu procedimento envolve práticas comuns a outros tipos de pesquisa. Por exemplo, o estudo de campo pode ser empregado numa pesquisa bibliográfica, etnográfica ou exploratória. Pois o estudo de campo permite ter maior profundidade sobre o tema ou assunto ou matéria a estudar. Para Gil, este estudo “procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis”. Em função disso, o seu planejamento “[...] apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa” (GIL, 2002, p. 52).

Com efeito, o processo da pesquisa inclui a coleta de dados e isso pode ser feito por dados primários ou secundários ou terciários. Além disso, a obtenção da informação pode ser documental (livros, relatórios, artigos...) ou humano, isto é, através das pessoas efetuando entrevistas ou aplicação de questionários. Segundo Mirian Goldenberg (2003), no ato da entrevista, é comum o pesquisador direcionar-se aos do topo da hierarquia em busca da credibilidade da informação, porém, a mesma pesquisadora sugere que a busca pela informação não se restringe apenas aos sujeitos do topo da pirâmide, todavia dar ouvidos aos da baixa da pirâmide como forma de contemplar entendimentos ou visões diversificados dos agentes envolvidos ou relacionados com o objeto.

A mesma autora alertou sobre a sensibilidade e vulnerabilidade que a entrevista e aplicação de questionários estão sujeitos numa pesquisa qualitativa. E isso aponta para aquilo que ela denomina de *bias da pesquisa*, ou seja, desvio do pesquisador. Porque na situação de engano

dos inquiridos ou da interferência do pesquisador nas respostas dos pesquisados, os resultados a alcançar colocam-se no risco de ser corrompido pela bias. Nos seus termos, “Um dos principais problemas das entrevistas e questionários é detectar o grau de veracidade dos depoimentos”. Isto é, até que ponto um depoimento compromete-se com a verdade ou distancia-se do engano pretendido pelo informante? “Trabalhando com estes instrumentos de pesquisa é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros”. Pois a “personalidade e as atitudes do pesquisador também interferem no tipo de respostas que ele consegue de seus entrevistados”. Considerando isso, é indispensável o pesquisador estar ciente disso e se acautelar ao aplicar estas duas técnicas na sua pesquisa.

Segundo Antônio Chizzotti⁷ (s\d, p. 56) Dentre vários tipos de entrevista em uma pesquisa, tem-se a entrevista dirigida. Este é um tipo de comunicação entre um pesquisador que pretende colher informações sobre fenômenos e indivíduos que detenham essas informações e possam emití-las”. As informações coletadas sobre fatos e opiniões devem constituir-se em indicadores de variáveis que se pretende explicar. É, pois, um diálogo preparado com objetivos definidos e uma estratégia de trabalho.

No nosso caso, aplicamos essas duas técnicas (aplicação de questionários e a entrevista dirigida) entrevistando as personalidades ligadas com o ritual de Katchit em Pecixe e jovens que o praticam como forma de ter a visão partilhada sobre o seu funcionamento, a sua transformação e as suas dinâmicas nessa localidade. A nossa pesquisa será etnográfica, porém dialogada com as técnicas e procedimentos da pesquisa bibliográfica e de campo, porque serviremos da produção já existente: livros, artigos, teses, dissertações etc., no entanto, faremos o estudo de campo na ilha de Pecixe com sujeitos autoridades desse ritual. O nosso objeto de pesquisa será formado por 20 inquiridos incluindo jovens, anciões e mulheres que participaram uma ou mais vezes no ritual de Katchit.

Os materiais a utilizar incluem celular, caderno de campo, caneta, gravador de som. Por outro lado, os nossos questionários serão semi estruturados assim como a guia da entrevista. A abordagem metodológica desta pesquisa será qualitativa.

⁷ Disponível em: PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
2ª. edição CORTEZ EDITORA.

[file:///E:/LIVROS%20PARA%20TCC2/Antonio_Chizzotti_PESQUISA_EM_CIENCIAS_H%20\(1\).pdf](file:///E:/LIVROS%20PARA%20TCC2/Antonio_Chizzotti_PESQUISA_EM_CIENCIAS_H%20(1).pdf)

Em termos organizacionais, previamente, o trabalho estará estruturado em quatro capítulos como foi antecipado na introdução. O primeiro capítulo será: O processo histórico do ritual katchit. Nele, apresentaremos a história desse ritual no espaço que constitui o objeto desta pesquisa, por meio das narrativas dos próprios sujeitos que o praticam.

O segundo capítulo será Transformações e significados atribuídos ao ritual Katchit. Devido a natureza deste capítulo, ele será desenvolvido em duas seções que são: transformações desse ritual. Nesta subseção, traremos as influências dos elementos externos e internos à comunidade que interferem direta ou indiretamente no ritual e que no final geram mudanças ou dinamizam o ritual ao ponto de o classificar além do estágio inicial com qual era concebido e percebido, consumando dessa forma a sua transformação. Ao passo que, na segunda subseção, deste segundo capítulo, buscaremos apresentar os significados construídos por praticantes de Katchit a volta deste ritual e, paralelamente, constituintes do panorama identitário do povo mandjaco.

O terceiro capítulo denominar-se-á Madjacos no ritual de Kachit. Será um capítulo em que descreveremos um ritual de Katchit realizado no tempo presente e na nossa presença. Por isso, ele privilegia os elementos atuais observados pela pesquisadora no decorrer do ritual. Todo o ambiente, incluindo materiais, formas e contexto será analisado e interpretado neste capítulo.

O quarto capítulo será o lugar de Katchit na estrutura social dos madjacos de Pexice. Neste capítulo, evidenciaremos o valor atribuído a este ritual por este povo. Sabendo que, uma estrutura social é composta por vários elementos culturais que têm as suas especificidades, no entanto, encapsulados no único repositório cultural identificado como cultura do povo mandjaco em questão. O capítulo versará justamente no âmbito da estrutura para espelhar a configuração desse ritual no conjunto identitário e sociocultural.

Com base na metodologia apresentada até aqui acreditamos que a nossa pesquisa será viável, pois aplicado os procedimentos, as técnicas e as estratégias previstas aqui alcançaremos os resultados esperados: compreender o ritual Katchit em suas dimensões e dinâmicas na comunidade dos manjacos de Pecixe.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANT, Leonardo. **O poder da cultura**. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- CARDOSO, Leonardo. **Sistemas de herança entre os papéis, Manjacos e Mancanhas. Soronda**. Bissau: INEP, nº 6, p. 147-177, 2003.
- CARREIRA, António. **Símbolos, rituais e ritualistas na Guiné Portuguesa, Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, nº 63, p. 505-535, 1961.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. - 2ª. edição Cortez Editora S/d. Disponível em:
- DJALÓ, Tchernó. **O Mestiço e o poder: Identidades, dominações e Resistências na Guiné**. Lisboa: Nova Vega, 2013.
- DOVE, Nha. Mulherisma africana: uma teórica afrocêntrica. **Jornal de estudos negros**, vol. 28, nº 5, maio de 1998, pp. 515-539.
- FERRARI, Trujillo Alonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.
- FERREIRA, Mariana. **Sons da tradição: registo da tradição musical de três etnias da guiné -bissau: manjacos, balantas -brassa e bijagos (de bubaque)**. Europress, 2018.
- [file:///E:/LIVROS%20PARA%20TCC2/Antonio_Chizzotti_PESQUISA_EM_CIENCIAS_H%20\(1\).pdf](file:///E:/LIVROS%20PARA%20TCC2/Antonio_Chizzotti_PESQUISA_EM_CIENCIAS_H%20(1).pdf). Acesso em 06 de jun. 2022.
- FLEURY, Laurent. **Sociologia da cultura e das práticas culturais**. Tradução de Marcelo GOMES.- São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2009.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed.-[reimpr.].-Rio de janeiro. LTC,2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa** 8º ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Revista brasileira de educação, nº 23, maio/junho/julho/ago, 2003.
- HARRIS, Marvin. **The rise of antropological theories**. Londres, Routledge kegan paul, 1969.

JALÓ, Tania Correia; NASCIMENTO, Ricardo Cesar Carvalho. **O ritual, cerimônia de katchituran na cidade de Caio**. Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 30, maio de 2019. Disponível em:

<file:///E:/LIVROS%20PARA%20TCC2/Cerimonia%20de%20Katchituran%20na%20cidade%20de%20Caio-desbloqueado.pdf> Acesso em 06 de jun. 2019.

JESUS, Bernardo Gomes de. **Manjacos da Guiné-Bissau**: sobre discursos, cultura, saberes e tradições no período colonial e pós-colonial. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História. Porto Alegre, 2018.

KROEBER, Alfred. “**o superorgânico**”, in Donald pierson (org.), estudo de organização social, São Paulo, livraria Martins editora.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MENDES, Paulina. **Entre os “saberes locais” e o “saber universal”**: a modernização das comunidades manjaco e a mandjização do estado na Guiné-Bissau. Tese de Doutorado em Pós-Colonialismos e Cidadania Global (domínio: Antropologia Jurídica), apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Doutor, Coimbra, 2014.

MENDES, Virgílio Vicente. Manjaco: **Construção das identidades a partir da contraposição ao projeto ideológico do ‘homem novo’ no contexto pós-colonial (1963 – 2012)**. Projeto de Pesquisa – submetido ao Programa Pós-Graduação em História na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção de título de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras, Bahia, 2019.

PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; PARREIRA, Fabio José; SHITSUKA, Ricardo. **Metodologia da pesquisa científica** [recurso eletrônico] – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018. Disponível em: <file:///E:/LIVROS%20PARA%20TCC2/LIVRO%20DE%20%20METODOGIA%20CIENTIFICO.pdf> Acesso em: 06 de jun. 2022.

PINTO, Paula. **Tradição e modernização na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento.** 2009, tese de (Mestrado em Estudos Africanos) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

PINTO, Paula. **Tradição e modernização na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento.** 2009. 70 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2009. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23213/2/tesemestpaulapinto000093779.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne;. **Teoria da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras.** 2.ed.-são Paulo: Ed. Unesp,2011. 250p.

TYLOR, Edward. **Primitive culture.** Londres, jonh mursay € co. [1958 Nova York, Harper Torchbooks.]

ZAMBELLO, Aline Vanessa; SOARES, Alessandra Guimarães; TAUIL, Carlos Eduardo; DONZELLI, Cleivaldo Aparecido; FONTANA, Felipe; CHOTOLLI, Wesley Piante. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.** (Org.): Thiago Mazucato. Penápolis: FUNEPE, 2018.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. Metodologia de pesquisa. – 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.

HALL, Stuart. Tradução Tomas Tadeu da silva, **A identidade cultural na pós-modernidade** - 11.ed.,1. Reimp.-Rio de Janeiro: 2011.

1. CRONOGRAMA

ATIVIDADE: 2022	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
Produção do projeto (Estudo do assunto)	X				
Desenvolvimento metodológico.		X			
Revisão Bibliográfica.	X				
Ida ao campo(fase observacional ou experimental)			X	X	
Redação do trabalho (análise dos dados)		X		X	X
Revisão do TCC	X				
Previsão para a apresentação do trabalho.					X

2. ANEXOS

Ilustração I: Imagem das mulheres dançando no ritual de Katchit



Ilustração II: imagem da forma de organização da colheita de arroz



Ilustração III: imagem de extração de vinho de palmeira usado no ritual de Katchit

